

A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

Cristiane Alves de Almeida

Graduanda em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Elaine de Oliveira Santos

Graduanda em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Elisângela de Oliveira Santos Corsatto

Graduanda em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Suelen Kobayashi Costa

Graduada em Pedagogia pela UFMS/CPTL
Mestra em Educação pela Unicamp
Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia – FITL/AEMS

RESUMO

O problema da indisciplina em sala de aula tem sido uma das maiores preocupações existentes entre os educadores no Brasil. Os professores perdem muito tempo em sala com questões de disciplina. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é buscar fundamentação teórica sobre fatores responsáveis pela indisciplina em sala de aula. Para fundamentação teórica utilizamos estudiosos da área de educação que atualmente tem se dedicado a pesquisar a questão da indisciplina na escola. Para desenvolver este estudo partimos de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, buscando fazer um breve levantamento das obras que irão abordar o tema desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina; Escola; Professor.

INTRODUÇÃO

O problema da indisciplina em sala de aula tem sido uma das maiores preocupações existentes entre os educadores no Brasil. Os professores perdem muito tempo em sala com questões de disciplina. O importante é descobrir onde e como o problema se manifesta, para encontrar soluções e tentar amenizar o quanto antes a situação. O objetivo deste trabalho é buscar fundamentação teórica sobre fatores responsáveis pela indisciplina em sala de aula.

O professor também deve refletir sobre suas expectativas, seu comportamento e sua visão perante os alunos, pois o docente é a autoridade em sala de aula, o responsável pela turma, e seu papel é manter o ambiente adequado

e saudável para transmitir os conhecimentos científicos de sua formação, recomendar medidas para amenizar a indisciplina, nas aulas teóricas e práticas, de alunos da Rede Pública e Privada de Ensino e, visando os seguintes objetivos específicos: facilitar o desempenho em sala de aula por parte dos docentes, atuando de forma mais adequada aos novos padrões educacionais; aumentar o nível de atenção dos alunos melhorando o desempenho escolar; envolver escola e família para melhorar o ambiente escolar e assim formar um cidadão.

Para desenvolver este estudo utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, onde a sua explicação se refere basicamente nos significados, valores e atitudes do meio social do professor-aluno, destacando a importância da leitura para interpretação do texto (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Como estratégia de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites o que permitiu a nós pesquisadores conhecer o que já se estudamos sobre o assunto (FONSECA, 2002).

A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

A indisciplina escolar vem inquietando educadores de todo o país, tornando-se um enorme desafio e complexidades. Não há solução fácil de obter; é preciso persistência e abraçar o problema.

1. O que vem a ser indisciplina?

A falta de limites, a falta de respeito aos direitos dos outros, incompreensão das regras de convivência, falta de solidariedade, atitudes que não combinam com atividades em grupo, e a educação formal. Para Vasconcellos (1993) a causa dessa indisciplina não é somente o que foi citado, ele diz que a indisciplina pode ser classificada em cinco níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno.

A indisciplina é resultante de muitos fatores e influência que recaem sobre a criança, ao longo do seu desenvolvimento, na família e no meio social. A indisciplina

do educando não é alheia à escola e a família, que são as instituições responsáveis pela educação e sua formação. É essencial trabalhar com conteúdo de ensino às questões relacionadas à moral e ao convívio social e criar um ambiente de cooperação.

Só quem sente na pele a questão do cotidiano escolar da indisciplina é que tem real dimensão de como o problema é desgastante, levando ao desestímulo da profissão e, muitas vezes ao abandono, pois a família do aluno pensa que é só deixá-lo na escola e pronto. Tudo é por conta do professor, da escola. Esta é uma realidade que muitos pais pensam ser a correta, mas a quando se diz “escola” todos fazemos parte. Somos uma equipe no ambiente escolar e a família é indispensável em todo processo ensino-aprendizagem (Ibid.).

O histórico social da criança é primordial na vida escolar, no convívio social. Houve mudanças na estruturação da vida social do cotidiano das pessoas. A família, a mídia, o mundo do trabalho não são mais os mesmos de 20 anos atrás, se analisarmos bem, existem sim pontos positivos nessas transformações para o interno das instituições. Nos padrões de comportamento, de consumo, de relações entre as pessoas, de educação das crianças. A crise da família, são uns dos problemas que perturbam as crianças (Ibid.).

Podemos dizer, que são as práticas sociais, vista como construções dos atores sociais em seus contextos de interação, podendo ser ou não uma organização que são ações praticadas nas organizações. Ações dos indivíduos criadas como hábitos (capacidade treinadas para pensar, sentir, e agir de determinados modos, a forma como a sociedade torna-se representada nos indivíduos de maneira a conduzirem). Hábito bom ou mau na conduta do cotidiano das pessoas, moldam, transformam determinados contextos sociais. Nos dias de hoje, o que desponta é um tipo de indagação comum: O que é exatamente ser um bom pai? Esse impasse direciona para a dimensão ética da vida em determinados procedimentos e condutas, princípios e valores (Ibid.).

O campo da ética refere-se ao universo dos princípios e valores que vetorizam determinadas ações humanas, também se trata da natureza psicológica. A Psicanálise trabalhando no nível das representações e do inconsciente. As relações do indivíduo percebida em seu afeto. As formas de pensar, de sentir e de agir no mundo.

A série, Está na minha mão! Viver valores, como o próprio nome sugere, busca dar elementos que contribuam para a formação autônoma da consciência moral, não a partir da imposição de normas exteriores, mas pelo fortalecimento do núcleo íntimo da decisão voluntária. O jovem será um sujeito moral ao fazer uma escolha livre e, pelo exercício de sua autodeterminação, torna-se também responsável pela sua decisão.

Para alguns teóricos a importância do construtivismo, a aquisição de conhecimentos não depende apenas daquilo que o professor transmite nem só do que o aluno já sabe, mas se forma e se transforma pela interação entre ambos e da relação deles com o mundo. Portanto, o aluno não é passivo e o professor não constitui o dominante da educação. É por meio da atividade do aluno, dos companheiros com os quais interage e da mediação do professor que se torna possível a construção do conhecimento, processo contínuo e entremeado com a invenção e a descoberta (Ibid.).

Preocupados em promover o desenvolvimento da consciência moral no Plano Curricular é implantado no Brasil nos Parâmetros Curriculares Nacionais a proposta pelo MEC para discutir sobre os temas transversais de convívio social e ética.

Para a aquisição da consciência moral e sua evolução é necessário do desenvolvimento da inteligência, para se tornar capaz de refletir criticamente, e da afetividade, para superar o egocentrismo infantil. Em ambos os casos ocorre uma descentralização do sujeito, em que na discussão, se levar em conta o ponto de vista do interlocutor e, nas relações humanas, se *adquire a sensibilidade de se colocar no lugar do outro*.

Analisando a história da educação, quando do advento da sociedade moderna, verificamos que as funções relacionadas à Educação, até então de responsabilidade das famílias, da igreja e da comunidade, foram sendo transferidas para uma instituição criada pela sociedade – a escola. Portanto, foi o desenvolvimento histórico da humanidade que fez surgir a necessidade de se criar e de se manter essa instituição especializada em fornecer às pessoas as informações mínimas e a preparação adequada à vida social.

Vemos, então, que ao longo da sua história, a escola vem assumindo cada vez mais características próprias, envolvendo desde aspectos relacionados com a

comunidade onde está inserida, com os valores morais e éticos preservados por ela, configurando-se uma instituição onde as condições histórico-sociais são determinantes. O que se espera da escola é que a mesma prepare os indivíduos para a vida política, social e para o trabalho, desenvolvendo suas habilidades.

A disciplina pode ser compreendida, pelos alunos, com sentidos distintos, em função do espaço onde ocorre: dentro de sala de aula ou fora dela. Quando as expressões de indisciplina ocorrem dentro da sala de aula teriam o sentido de interromper o processo da aula ou de afrontar o professor.

Poderíamos entender que tais expressões de indisciplina estariam sinalizando algo que precisa ser repensado e refeito dentro da sala de aula, sobretudo na dimensão da organização das aulas e do próprio currículo. Fora de sala de aula, as expressões de indisciplina refletiriam conflitos e disputas entre alunos e turmas. Neste caso, os motivos apontados seriam romper com a ordem estabelecida pela escola e gerar conflitos.

Queremos destacar ainda, um aspecto que consideramos importante, o fato das fala dos alunos, que veem, uma perspectiva sobre indisciplina escolar, que estaria relacionada à produção de desordem. É o que os alunos se referem à indisciplina como “bagunça”; é o converseiro na sala. Que a indisciplina estaria relacionada a dois diferentes níveis de comunicado. Um primeiro nível seria o da indisciplina, como sinalizadora de algo que está incoerente ou que não corresponde às expectativas. Neste caso, poderíamos incluir as normas e as regras que norteiam o processo aula e os trabalhos na escola como um todo. O segundo nível seria o da indisciplina como denunciante de práticas pedagógicas inconsistentes e frágeis. Neste caso, a indisciplina estaria denunciando aulas “desinteressantes”, por conta de um currículo mal trabalhado, bem como falta de planejamento e de organização do professor e da escola em geral.

Evidenciamos que a indisciplina se configura enquanto um caráter complexo na medida em que, os alunos não se detêm apenas às causas, ou ao momento que acontece. Eles conseguem perceber outras variáveis, além das causas, atribuindo às expressões significado e sentido.

Muitas escolas não oferecem espaços adequados para a prática de esportes, para brincar ou correr nos intervalos. Diante disso, o espaço escolar fica

limitado somente à sala de aula, como crianças e adolescentes detêm muita energia, a falta de locais para “gastar” essa energia conduz à indisciplina.

Outro aspecto de grande relevância é a família, problemas de diversas ordens podem acarretar na indisciplina escolar, talvez esse aluno conviva em um lar desestruturado onde os pais não se respeitam e assim reproduzem o que presencia em casa na escola.

Piaget *apud* La Taille (1996) defende que temos duas alternativas: formar personalidades livres ou conformistas. Se o objetivo da educação for o de formar indivíduos autônomos e cooperativos, é necessário propiciar que ele se desenvolva em um ambiente de cooperação. Portanto, é inevitável que a educação moral esteja presente na formação do ser humano enquanto indivíduo e que, conseqüentemente, um dos fins da educação deva ser, justamente, o desenvolvimento pleno do educando, ou seja, de suas funções mentais, através da aquisição de conhecimentos e da aquisição de valores morais. Por receber alunos de vários lugares, de variadas características; a escola é, por excelência, ambiente socializador e esta é, a importância de se ter claro sua parcela de contribuição na formação moral de seus alunos.

Antigamente este problema, a indisciplina, praticamente não existia, as escolas seguiam um sistema tradicional, exigindo dos alunos um comportamento quase militar. Quando ocorriam atitudes de indisciplina, os castigos, muitos deles físicos, eram aplicados sem nenhuma culpa, por parte dos docentes.

Na obra *Autonomia da Pedagogia*, Paulo Freire (2001, p.43), relata muito bem o importante papel que o professor tem perante a sociedade, que não dá o verdadeiro valor a estes profissionais, expondo um momento de sua vida: “O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento...balançava a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração.”. Sorte do aluno que recebera uma nota dez na redação, pois muitos discentes são constrangidos perante os colegas, principalmente, na época de nossos avós, uma época triste para a docência, a época da palmatória. Mas, nesta época as crianças eram mais obedientes, apenas pelo olhar já obtinha controle.

Infelizmente, até hoje, os alunos são criticados e ofendidos em sala de aula por professores inexperientes, estressados, cansados, infelizes ou indiferentes aos

sentimentos dos seus alunos. É com muita tristeza que, o autor (ibid.) enfatiza o descaso que vem se espalhando e aumentando cada vez mais na docência perante a vida dos alunos no espaço-tempo da escola valorizando apenas a transferência dos saberes. “Homens e mulheres descobriram que é possível ensinar”, diz o autor, no entanto esqueceram que é preciso conhecimento, amor, bom senso, respeito e dedicação pelo ser humano para poder ensinar.

METODOLOGIA

Para fins deste estudo utilizamos uma abordagem qualitativa. Os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Como estratégia de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica que se desenvolve tentando explicar um problema, partindo do conhecimento disponível nas teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Nesta pesquisa bibliográfica apresentamos parte do conhecimento disponível na área de métodos de ensino-aprendizagem, analisando e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreensão do problema investigado (KÖCHE, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com que foi investigado, a indisciplina tem ligações diretas com a falta de limites e regras dadas pelos pais em casa. Os atos disciplinares licenciados dentro dos lares repercute diretamente na sala de aula e na escola. Na escola, atitudes como por exemplos, expulsar, tirar notas, só tendem a criarem mais conflitos e transtornos, o que gerará mais indisciplina.

Cabe aos professores e a escola procurar meios que amenizam os problemas dentro da sala, ou seja, trazer a família para acompanhar de perto o processo educativo de seus filhos. Os educadores juntamente com os alunos devem

dialogar, e pôr a situação em evidencia de forma branda que desperte a uma possível reflexão.

Pelo caráter complexo que envolve as questões de indisciplina escolar, muito há por se fazer em termos de pesquisas científicas. A título de exemplo destacaríamos como veia promissora, investigar junto aos alunos possíveis relações entre as expressões de indisciplina e os aspectos das práticas escolares que lhes causam descontentamento ou as possíveis relações entre a indisciplina na escola e a recusa em cumprir expectativas sobre serem sujeitos passivos, ou saber dos alunos em que medida a indisciplina na escola interfere no currículo praticado.

Reforçamos que, não se trata apenas de colocar em evidência o comportamento dos alunos. Seria necessário focalizar todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento social e psicológico e que podem ter relação com as práticas educativas oferecida pelas escolas. Com isso, queremos dizer que, o fato de o aluno não acompanhar os estudos e conseqüentemente não aprender, pode ser o motivo de expressar indisciplina.

Assim, indicamos a necessidade de os cursos de formação de professores contemplarem, de alguma forma, discussões sobre a indisciplina escolar, instrumentalizando seus acadêmicos para tratar das questões de indisciplina que certamente os aguardam nas escolas. Para que a indisciplina não brote é útil que o professor tenha bem presente a importância dos aspectos relacionais com os seus alunos.

Se o professor continuar valorizar apenas a sua função de instrução (transmitir conhecimentos) é mais provável que os conflitos disciplinares apareçam. Para lhe dar com a indisciplina, o professor deve cativar seus alunos e evitar certas punições e ameaças, pois muitas vezes o indisciplinado sente-se incompreendido e o professor receberá como resposta atitudes agressivo. O segredo então é a capacidade dialogar do professor e a sensibilidade do mesmo para ouvir e compreender seus alunos.

Para amenizar o problema da indisciplina torna-se viável que a escola primeiramente conte com o projeto político pedagógico, o qual contará com a presença do supervisor, orientador, professores, família até mesmo a comunidade, pois através do acionamento deste o processo educativo fluirá boas respostas a respeito de problemas apresentados dentro do âmbito educacional.

A escola deve rever alguns aspectos que possam ajudar, no ensino-aprendizagem dos alunos dispersos. Um trabalho em equipe. O que não faltam são ideias criativas e inovadoras para uma reforma escolar. Devemos escolher os programas que funcionam; devemos implementar as estratégias que já provaram sua eficácia. O âmbito educacional deve ser um lugar, ao qual, favoreça ao educando o prazer em estudar. Se a escola não for um lugar em que o educando não se sintam bem, com certeza não gostará de frequentá-la. É fundamental a escola acolher jovens e crianças para que estes não venham gostar de ficar na rua, escolhendo o caminho da marginalização. Pois muitos ficam a vontade sem ter compromisso com nada e adquirem novos hábitos; e chegam à escola com esses princípios tortuosos.

REFERÊNCIAS

Aquino, Julio Groppa. **Do cotidiano escolar**: ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**: A Pesquisa Científica. 1º edição. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS, 2009.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 30ª ed. Vozes: Petrópolis - RJ, 2012.

LA TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1993.